

Flânerie na Rede

Rodrigo Saturnino
Universidade de Lisboa

Índice

1 Introdução	1
2 O Flâneur e a Arte da Flânerie	1
3 Web Flânerie	6
4 Considerações finais	8
5 Referências Bibliográficas	9

1 Introdução¹

A internet é um lugar de trajetórias. A afirmação de Lev Manovich (2005) descreve a web como um não-lugar, apresentado apenas por percursos mediados por interfaces que fazem conexões por meio de seus links na gigantesca base de dados da rede.

Este universo *cyberspatial* é sustentado pela conectividade que estes mecanismos permitem e fazem com que os usuários percorram o conteúdo por caminhos infinitos, a partir da decisão operativa do “navegante” das interfaces. Essa facilidade navegável é recorrente em ambientes *web*, mas não está restrita à ela, podendo ser operada em diversos outros mecanismos telemáticos. No caso da web, pensada a partir da subjetivação das trajetórias que as hiperligações oferecem aos utilizadores, o ciberespaço torna-se um lugar (ou não-lugar), onde a experiência cotidiana

do usuário é realizada a partir de suas escolhas deambulantes dentro da rede.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo pesquisar o conceito de *flâneur* descrito por Charles Baudelaire no ensaio *O Pintor da Vida Moderna*, seguido da verificação do conceito em Walter Benjamin. Far-se-á uma tentativa de breve conceitualização dos termos *flâneur* e *flânerie*, visto que o conceito ainda não apresenta uma uniformização a partir dos críticos que o retrataram. Por isso, optou-se primeiramente por delimitar essa descrição do *flâneur* a partir do contexto apresentado por Baudelaire e Benjamin diante das descrições metodológicas e os interesses didáticos que estes teóricos apresentaram.

Posteriormente, seguido das delimitações acima e, agora, a partir das hipóteses de Lev Manovich, pretende-se descrever como o conceito de *flânerie* pode ser aplicado ao comportamento que a internet e seus mecanismos configuraram na utilização dos usuários da web.

2 O Flâneur e a Arte da Flânerie

Os dicionários diriam que os termos *flâneur* e *flânerie* têm restrita ligação com o ato de deambular sem destino; uma prática de quem ostenta a divagação em percursos pela cidade onde não há a preocupação em chegar a al-

¹Este trabalho utilizou formatação de acordo com as normas The Chicago Manual of Style

gum lugar específico. O termo é aplicado, geralmente, ao ato que indivíduos cidadãos executam durante os passeios que realizam pelas cidades. A característica urbana é o maior motivador para esta prática e sua origem é representada a partir da eclosão de grandes centros urbanos na Europa do séc. XIX.

Mas pode-se ousar dizer que o contexto do surgimento da ação da *flânerie* encontra-se Paris, a cidade vanguardista do séc. XIX, palco de grandes revoluções políticas e industriais que teve, depois da queda do modelo monárquico, a imposição da burguesia detentora do poder econômico e político da época. Aqui, Paris não é apenas a capital da França, mas, de certo modo, a capital do mundo onde eclode a defesa pelos direitos humanos, reina a filosofia, experimenta-se novas formas de arte, símbolos da abertura do e para o mundo, presente nos panoramas de Daguerre e nas exposições internacionais de Grandville.

Despertam-se também os projetos urbanísticos, como cita Benjamim, ao categorizá-la como “The Capital of the Nineteenth Century”, onde destacam-se as grandes galerias comerciais que contribuem para o crescimento do comércio, da moda e da industrialização. Paris abre-se para desafios urbanísticos com a intervenção de Haussmann, convidado por Bonaparte para alterar toda a fisionomia da antiga cidade. O Barão Haussmann, chamado como o *artiste démolisseur* provocou a mais forte alteração arquitetônica já vista nas cidades do séc. XIX. Abriu avenidas, criou prédios públicos, *boulevards* e deu espaço para fazer surgir multidões de pessoas, de trânsito e de lucro, em nome do rigor da funcionalidade social. (Benjamin, 2002: 42).

A metrópole explode sob a forma de símbolo do progresso, mas traz consigo também a evidência dos problemas sociais descritos na miséria e no alto índice de mendicância de indivíduos espalhados pelas ruas da cidade. Além disso, a metrópole abre precedência para outro aspecto relevante que transborda na sua fisionomia e fisiologia: trata-se do fenômeno da multidão. O aparecimento da multidão na metrópole só é possível a partir destes novos modelos urbanísticos que propiciam o movimento multitudinário indefinido por meio da criação de grandes espaços. Junto a este fenômeno surge, ainda, a dissolução da individualidade, marcante em períodos anteriores às revoluções industriais. Na multidão o indivíduo está dissoluto de toda sua personalidade e configura numa nova forma paisagística de composição deste novo cenário urbano. Ela aumenta o isolamento social, os interesses particulares e o anonimato conveniente. Neste contexto insurge a figura do *flâneur*, sustentado na metamorfose espacial que a metrópole propicia e na velocidade em que a cidade sofre novas mutações sócio-urbanísticas. Célia Margarida Lourenço Bento, em sua tese de mestrado, ao citar Victor Fournel, destaca que a função de deambular estaria especialmente entregue aos parisienses diante dos precedentes contextuais que a cidade provocava à reputação dos indivíduos, conclamando-os a uma paixão e um sentimento pelo ato da *flânerie*. (Bento, 2004: 19)

2.1 O flâneur em Baudelaire

O crítico e poeta francês, Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris em 09 de abril de 1821 e é considerado um dos grandes po-

etas do séc. XIX. Dentre as suas obras, as mais conhecidas são *Flores do Mal* (1857), *Os Paraísos Artificiais* (1861) e o *Spleen de Paris* (obra póstuma, editada em 1869). No domínio do presente trabalho deter-se-á pela obra *Le Peintre de La Vie Moderne* [traduzido do original por Tereza Cruz (2006)], um ensaio de Baudelaire publicado em 1863 onde o autor destaca a figura de um artista personificado pelo notável Sr. G., a quem o autor apresenta como representação do *flâneur*.

No ensaio, Baudelaire utiliza a figura de Sr. G. para dar voz à crítica do seu ensaio em contraposição ao modelo tradicional vigente na sociedade parisiense do séc. XIX em relação ao tempo e a arte. No sentido restrito e como especialista numa função, Sr. G. é uma figura categorizada por Baudelaire como “cidadão espiritual do mundo” ou um “homem do mundo”, um artista que se interessa pela vida e por tudo que o rodeia. Sr. G. é aquele que comprehende o mundo e suas razões misteriosas com interesse no sentido global em busca de apreciação de tudo que acontece à sua volta. (Baudelaire, 2006:15). A personificação do Sr. G é a representação do desprendimento do poeta diante dos condicionalismos sociais e econômicos que a sociedade parisiense insistia em imputar aos artistas tradicionais advindos do processo de industrialização da cidade, fato que Baudelaire acompanhou de perto². O autor é categórico ao dizer que para o “homem do mundo”, seria insuportável restringir a sua competência elaborativa da vida apenas às limitações presentes nos círculos da maioria

²Como exemplo, pode-se destacar que, durante a transformação urbanística de Haussmann, entre 1851 e 1870 realizada em Paris, Baudelaire estava no auge dos seus 38 anos.

dos artistas, considerado pelo escritor como homens “brutos muito cheios de jeito, pura mão-de-obra, inteligências campónias, cérebros de um qualquer lugarejo”. (Baudelaire, 2006: 15).

O aspecto peculiar e de interesse de Baudelaire no Sr. G. está relacionado ao seu comportamento como “homem do mundo”, que se prende ou desprende-se em conhecer toda superfície, sem restrições territoriais. E dois aspectos movem os interesses deste “cidadão espiritual do mundo”: a curiosidade como ponto de partida para sua genialidade e a convalescença que o leva a se interessar “vivamente pelas coisas, mesmo por aquelas que são aparentemente mais triviais”. (Baudelaire, 2006: 16).

A personagem de Baudelaire tem a genialidade de se interessar pelo mundo, ao mesmo tempo desprendido de condicionalismos, para absorver as coisas ao seu redor e especialista no exercício da observação do mundo que cresce à sua volta. Por isso, segundo o autor, Sr. G. abnegava-se em ser categorizado como artista, no sentido restrito da palavra e do contexto do séc. XIX. Muitos menos ser chamado de *dandy*, ainda que este fosse simbolizado pelo seu ar aristocrático, sofisticado e dotado de inteligência sutil em relação ao conhecimento do mecanismo moral do mundo. O *dandy*, aponta Baudelaire, apesar das tais atribuições, aspira ainda à insensibilidade do mundo ao se tornar *blasé* por política ou por razões de natureza familiar.

Resta-lhe, e para esse caminho é que Baudelaire deseja percorrer ao eliminar de mais categorias, chamar ao Sr. G. de *flâneur* por que sua arte é a de amar a vida universal. A multidão é o seu domínio e sua função é desposá-la em perfeito comprometimento

com suas atribuições. O *flâneur* é aquele observador apaixonado que elegeu domicílio no meio da multidão, “no inconstante, no movimento, no fugitivo e no infinito, constitui um imenso gozo”. (Baudelaire, 2006:18). Ela ainda é aquele que está fora de casa, mas sente-se em todo lado na sua própria casa e pode ver o mundo, estar no centro, mas ainda assim permanecer oculto a ele.

O *flâneur* em Baudelaire, nos percursos, nas observações e na absorção do mundo, está à procura do que ele chama de modernidade, ou seja, daquilo que é transitório, fugitivo, o contingente e a metade da arte. E ao *flâneur* resta-lhe absorver a beleza da outra metade, que é eterno e imutável e só é retirada a partir da arte da *flânerie* exercida pelo domínio imaginativo presente na figura do Sr. G. Este processo, é realizado a partir da absorção de seu personagem de todas as impressões do mundo que, posteriormente, diante daquilo que ficou em sua memória, torna-se objeto de sua reflexão para, então, ser ordenado “a fim de atribuir um sentido eterno aos instantes captados. [...], funcionando como um ‘caleidoscópio dotado de consciência’”. (Bento, 2004: 22).

A modernidade em que o *flâneur* transita e vive é conhecida através da multidão, símbolo do questionamento do autor em relação à própria transição que a cidade e sua etnogênese enfrentam com os avanços do séc. XIX. O sujeito, o *flâneur*, o pintor da vida moderna de Baudelaire, preconiza a figura emblemática das crises de identidade cultural que essa modernidade traz consigo ao gerar o estado provisório do ser no mundo. Aqui, é apenas à figura do *flâneur* atribuída a característica artística em conseguir sobreviver num lugar descrito pela transitoriedade, metamorfose, anonimato e

mutação. O pintor da vida moderna é aquele que deambula no meio das galerias comerciais, nas *árcades*, na moda e no industrialismo sem apegar-se a elas por compreender o mecanismo da fugacidade da modernidade. Entretanto, é habilidoso suficientemente para registrar na memória, e como exímio especialista, retratar com todos os detalhes a essência do seu registro.

A experiência da *flânerie* desse artista da vida moderna, segundo apontamentos de Baudelaire, se liga diretamente com a experiência estética que a modernidade oferece ao *flâneur*. O autor representa esta experiência a partir da descrição de três representações: o militar, o *dandy* e a mulher. O militar apresenta sua personificação na figura alinhada do sujeito forte, uniforme e rígido. O *dandy* representa a aristocracia que configura a imagem da sociedade distinta pela educação e sofisticação da classe. E finalmente, a mulher é concebida pela beleza dos trajes, pelos adereços e a valorização do cuidado com a estética física. Esta última ainda mais valorizada como elemento esteta, exacerbada pela modernidade, quando Baudelaire dedica um capítulo do seu livro a homenagear o ato de maquiagem feminina. A maquiagem, defende Baudelaire, é uma ato corretivo e harmonizador da presença do bem na figura humana, visto que este não é atribuição natural do homem e só pode ser adquirido a partir da conquista do mesmo, diferentemente do crime e das atrocidades, explícitas nos desejos naturais humanos. O bem é um adereço artificial ao sujeito e a maquiagem utilizada pelas mulheres parisienses descreve a tentativa do sujeito da modernidade, em “fazer desaparecer de uma vez por todas as manchas que a natureza aí semeou ultrajosamente”, a ponto de a figura humana estar,

pela maquiagem, em uniformidade. (Baudelaire, 2006:50-51)

Baudelaire apresenta a concepção de *flâneur* e *flânerie* por meio da percepção que o artista da modernidade tem da sua realidade. Inaugura marcos posteriores com sua formulação sobre o lugar do tempo e da arte mediante ao sufrágio da cidade aos projetos de modernização. Apenas o *artista-flâneur* consegue, em meios as turbulências, o *frenesi* e o histerismo da cidade, retirar da sua memória, imagens da subjetividade experimentada na experiência de deambulação. Baudelaire acredita que a modernidade retira o lugar acolhedor que outrora a cidade se constituíra para dar azo à indiferença, ao anonimato e à hostilidade. A figura do *flâneur* é a única personagem com chances de transformar as imagens adquiridas durante sua *flânerie* pela cidade na essência do seu tempo, ao criar novas formas poéticas de interpretação da realidade face à sociedade tecnocrata, uniformizada e maquiada como a que surgia no séc. XIX.

2.2 Em Walter Benjamin

O tema da cidade e suas transformações estão presentes em diversos artigos de Benjamin. No texto “Paris, the Capital of the Nineteenth Century” e “On Some Motifs in Baudelaire”, Walter Benjamin descreve a transformação que a capital francesa sofria diante dos grandes investimentos para modernização da cidade e apresenta a figura do *flâneur* como elemento de descrição social do fenômeno industrial que a cidade se submetia. Mesmo diante do aspecto fragmentário da obra benjamiana, é possível destacar a importância existente entre esses dois elementos urbanos, a cidade e o *flâneur*. Ben-

jamin concorda com Baudelaire, e é partir dele, que destaca a rua e a multidão como lugares de refúgio do *flâneur*. Entretanto, Benjamin apresenta um novo desfecho entre este personagem e a cidade.

No meio da metrópole, o *flâneur* encontra-se no limiar entre a classe média e a multidão, em constantes deambulações. Para Benjamin, o destino da *flânerie* no meio da sociedade industrial está ligado à utilização que o *flâneur* faz das passagens construídas entre luxuosas galerias comerciais na Paris do séc. XIX, símbolo de ostentação do progresso industrial. O autor julgava ser este lugar o “paraíso” da multidão onde o *flâneur* poderia deambular e usufruir da comodidade que estas galerias propiciavam ao exercício ocioso e descontraído, principalmente por se distanciar do tormento do trânsito e do barulho das grandes avenidas. As galerias se tornaram um lugar de anulação do *tedium vitae* do povo, onde um mundo em miniatura estava à disposição dos transeuntes.

Tanto em Baudelaire como em Benjamin, a idéia do *flâneur* como um sujeito que buscava entender as transformações do seu tempo, é recorrente. O sujeito da *flânerie*, como outro indivíduo qualquer, buscava absorver o conhecimento sobre o seu redor e assim posicionar-se socialmente. No choque entre sua realidade e a que emerge, o *flâneur* encontra refúgio para o drama existencial na multidão. Benjamin afirma que “*the flâneur still stands on the threshold - of metropolis as of the middle class. Neither has him in its power yet. In neither is he at home.*” Ele busca refúgio na para descrever a tentativa do sujeito em transpor essa barreira que o separa da sua completa identificação. (Benjamin, 2000:40). Na multidão essa identidade ainda desconhecida encontraria paz e descanso ao

se juntar com outros anônimos numa mistura entre a invisibilidade e a dissolução dos traços individuais que a massa proporciona.

A multidão citada por Benjamin, por um lado propicia esse exercício do anonimato ao *flâneur*, mas por outro, cria uma paisagem que ele denomina como fantasmagórica a partir de um véu capaz de esconder o lado horrível da sociedade. Ela ainda apresenta outro aspecto que atormenta o *flâneur*: o da solidão. Quanto mais anônimo o *flâneur* se encontrar dentro da massa e quanto mais ele se sentir fora do processo em que a multidão está incluída, seu sentimento de solidão é mais evidente. E está claro que a idéia de *flâneur* em Baudelaire atenta para esta busca de solidão no meio daquilo que ele repugnava. Sua busca por isolamento só seria possível onde pudesse ser invisível socialmente. Além disso, o *flâneur* de Baudelaire tinha apreço pelo povo, vítima da industrialização da vida. Essas duas necessidades no seu *flâneur* encontravam motivos para localizar seu desejo no seio da multidão.

A cidade de Benjamin exige mais do *flâneur*. Com o avanço do conhecimento e a evidência de uma vida marginalizada pelo anonimato na multidão, certamente a cidade começa a tornar-se uma ameaça à vida do deambulante. A sociedade que o absorve, aponta Benjamin, está marcada pela voracidade da reprodução industrial em busca de avidez de lucro e produção contra qualquer tipo de ócio. A multidão vai atrás deste processo industrial e anda em completo histerismo. Resta ao *flâneur* recorrer ao último lugar a ser percorrido. Benjamin o leva para os centros comerciais. Na multidão que marcha atrás da moda e da mercadoria, o *flâneur* dificilmente esquivaria-se contra o poder e a embriaguez em que as pessoas na multidão

estariam envolvidas, sucumbido ao mesmo modo de existir na sociedade industrializada.

3 Web Flânerie

3.1 O ciberespaço como uma nova dimensão do espaço público navegável

A cidade, depois das revoluções e metamorfoses descritas por Benjamim e Baudelaire, continua seu processo de modernização constante. Revolucionam-se arquitetura e tecnologias de informações. Agora, passada a era de Gutenberg e depois da mudança estrutural da esfera pública com o advento dos *mass media*, já descrita por Habermas, a sociedade contemporânea encontra-se em movimentos ambulantes que fazem nascer um novo espaço público caracterizado pela desterritorialização e um tipo de falsa liberdade de trânsito.

Esse fenômeno, popularizado na década de 90, se relaciona com o *boom* das redes de informação, especificamente o da Internet e da Worl Wide Web que deu lugar ao surgimento e consolidação do ciberespaço.

O paradigma de revolução tecnológica, que se acentua desde o final do século XX, principalmente a partir da década de 70, é descrito em forma de analogia pelo sociólogo Manual Castells (2002) como um tipo de revolução industrial que refletiram mudanças significantes nas diversas áreas da sociedade. Castells acredita que a rede apresenta uma nova forma do sujeito viver e exercer sua posição de cidadão no mundo diante da abertura e uma facilidade maior do que o grau de interação social a partir dos mecanismos

mos que estas redes proporcionam. Tal revolução alteraria, também, todo o padrão cultural anteriormente estabelecido, atingindo crenças e códigos construídos ao longo da história. Nesse ciberespaço emerge tudo o que homem vivencia enquanto sujeito político. Castells (2003) acredita que nele o jogo político e os conflitos sociais são desenvolvidos eficazmente e reforçado no sentido de reivindicação, já que abre o que ele chama de “novas avenidas de troca social”, lugar de junção de interesses em comum e afirmação de ideologias.

Nos nossos dias o fenômeno da internet já está entronizado no cotidiano social. E é nele que a vida toma novas dimensões diante da potencialidade que as redes de informações apresentam para que o indivíduo possa adquirir, por meios de seus mecanismos de interação, novos conteúdos, autonomia e relacionamento. Essas características dão ao ciberespaço um aspecto que é denominado “navegável”, por permitir certo trânsito dentro das possibilidades que o meio oferece ao sujeito. Entretanto, o caráter rizomático da rede depende, como destaca Maria Tereza Cruz (2002), “de um conjunto de protocolos associados a quaisquer trajetórias nele efectuadas, o que torna qualquer uma dessas trajectórias imediatamente retraçável pelo próprio sistema”. Ou seja, no ciberespaço só possível transitar a partir da conectividade criada aqui pelos mecanismos denominados como *hyperlinks* e *links*. Lev Manovich sustenta que diante dessa procedência o ciberespaço torna-se um não-lugar, edificado sob destas ligações virtuais onde o usuário pode “navegar”. O ciberespaço só existe enquanto componente que está ligado a outros sistemas de troca de protocolos, mediado pelas interfaces amigáveis,

construídas de forma a facilitar o processo de significação dos códigos computacionais. E este lugar só é possível por que “a ligação e a conectividade são a compensação para o descontínuo, o desligado, ou a ausência de uma qualquer totalidade” (Cruz, 2002: 151). O ciberespaço toma a figura de um espaço descrito não por permanência, mas sim por percursos e trajetórias que o sujeito determina fazer quando o utiliza.

A possibilidade deste novo espaço de armazenamento de conteúdos e de trocas é infinitamente explorável à medida que o usuário decide “navegar”. Diante dessas novas possibilidades surgem também novas formas de experiência e de subjetivação. A estrutura de naveabilidade, segundo Manovich, é uma construção popular que é precedida pela figura histórica da necessidade do sujeito poder deambular e explorar lugares. Portanto, este aspecto encontra procedências na relação subjetiva que o *flâneur* mantinha com os espaços da cidade por onde deambulava.

“The navigable space is thus a subjective space, its architecture responding to the subject’s movement and emotion. In the case of the *flâneur* moving through the physical city, this transformation, of course, only happens in the *flâneur*’s perception, but in the case of navigation through a virtual space, the space can literally change, becoming a mirror of the users subjectivity. (Manovich, 2001:269).

O *flâneur* de Baudelaire e de Benjamim perambula por entre a multidão, no meio das ruas parisienses e galerias comerciais. Apropria-se do aspecto transitório do período de industrialização social para absorver a poética da cidade. No novo espaço público que insurge com a web, emerge

a figura do *flâneur* virtual que viaja pelas camadas de informação que a internet oferece. Manovich descreve-o como um sujeito que, ao mesmo modo de Baudelaire, se satisfaç quando consegue adquirir informações no percurso que ele escolhe deambular:

“Like Baudelaire’s *flâneur*, the virtual *flâneur* is happiest on the move, clicking from one object to another, traversing room after room, level after level, data volume after data volume. [...] navigable space is not just a purely functional interface. It is also an expression and gratification of a psychological desire, a state of being, a subject position – rather, a subject’s trajectory. If the subject of modern society looked for refuge from the chaos of the real world in the stability and balance of the static composition of a painting, and later in the cinematic images, the subject of the information society finds peace in the knowledge that she can slide over endless fields of data, locating any morsel of information with the click of a button, zooming through file systems and networks. She is comforted not by an equilibrium of shapes and colors, but the variety of data manipulation operations at her control”. (Manovich, 2002: 274-275)

A composição da vida social está deslocada para aquilo que se transformou a web, um complexo conglomerado de armazenamento da cultura. Um novo espaço antropológico onde o homem conhece a novidade de se estabelecer como sujeito no meio do processo de tecnologização da sociedade. Esse sentimento de pertença advém – quando entende-se a apropriação do sujeito à incorporação da web como nova forma de experimentação social – do ato do indivíduo presentificar-se nos ambientes virtuais, ou seja um ato que incita-o a explo-

rar os caminhos da rede a partir de uma ato decisório e pessoal em criar sua própria trajetória. A *web flânerie* pode ser considerada como um tipo de perpetuação das personagens de Baudelaire e Benjamim diante do surgimento de uma estrutura caracterizada pela metamorfose constante. O lugar do *flâneur* é descrito como aquele onde a transição é uma constante e sua arte permanece no fato dele conseguir transitar no meio dessa paisagem que se transforma.

A percepção de tempo e espaço na rede por parte do sujeito é o ponto principal de relação entre o *flâneur* e o ciberespaço na rede. Este elemento, princípio de todas as importantes transformações na relação do sujeito com o mundo, é aparado na web por dispositivos que criam na ação da *flânerie* a prolongação do seu exercício, levando-a a quase uma forma de eternizar esta prática. Este aspecto é perfeitamente comprovado quando percebe-se a qualidade híbrida que a web apresenta, ainda que as hiperligações e links, em um determinado momento, tenha seu percurso pré-determinado. Entretanto, é a escolha de trajetórias do *flâneur* virtual que decidirá até quando sua observação dentro desta nova esfera pública continuará.

4 Considerações finais

Em seu livro sobre a antropologia da sobremodernidade, Marc Augé (2005) destaca o desafio que a antropologia moderna tem à sua frente diante das questões complexas que as redes de comunicação desenvolveram na sociedade. Os novos sistemas gerados pela potencialização da indústria, da tecnologia e da comunicação transformaram toda percepção do homem em relação ao tempo e ao espaço. Esta estandardização indus-

trial gera o que Augé categoriza como não-lugar, sem identidades próprias, onde predomina a existência de passagens e percursos e faz surgir este novo espaço, que é criado pelas trajetórias dos sujeitos e não fazem parte dos lugares institucionalizados pelos produtores culturais. Os não-lugares são criados pelos utilizadores deste espaço e acabam por se tornarem institucionalizados pela presença dos sujeitos, entretanto, não descreve habitação, permanência, mas a interseção entre corpos e pensamentos.

A web tornou-se esse não-lugar de Augé (2005) principalmente por que nela se presentificam a transitoriedade, a impermanência e a solidão ao dar lugar para que o sujeito tenha sua posição transbordada dentro da rede por infinitos percursos que escolha realizar. E é essa trajetória e o uso das novas possibilidades de explorar o ciberspaço que o faz pertencer. O *flâneur* parisiense do séc. XIX estava seguro na multidão. Pertencia aquele grupo até o momento de decidir deslocar-se para casa. Observava, registrava o que via e participava. Não menos diferente, prolongada e também em cômoda situação, a web transforma-se a cada dia num lugar de presentificação virtual da *flânerie* contemporânea. Resume as angústias de Baudelaire e a escatologia de Benjamin por apresentar volatilidade, anonimato, solidão ao mesmo tempo em que pode permitir o contrário disso tudo propiciando ao sujeito alterar o tempo e espaço a partir dos mecanismos e ferramentas de interatividade em tempo real executadas dentro da web. Nesse caso, o espaço navegável³ da web é um lugar

³No caso deste trabalho entende-se por espaço navegável aquele lugar onde é possível realizar inúmeras trajetórias e portanto elegeu-se para comparação com o ato da *flânerie*, a web como novo espaço

que não delimita uma área e sim um local de atravessamentos de usuários. Essa característica da internet, ao reunir conglomerados de possibilidades interativas de navegação por inúmeros conteúdos numa gigantesca rede de informação que liga pessoas, lugares e conhecimento, descreve-se como o habitat do novo *flâneur*.

5 Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. (Trad. Miguel Serra Pereira). Lisboa: Editora 90 grau: 2005

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. Trad.: Teresa Cruz. 4^a ed. Lisboa, Nova Veja: 2006.

BENJAMIM, Walter. *Walter Benjamin: Selected Writings, Volume 3: 1935-1938*. Ed. Michael W. Jennings, et al. Cambridge, MA, and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.

BENTO, Célia Margarida Lourenço. *O regresso do flâneur nos anos oitenta: Paare, Passanten de Botho e Strauss e Die Berliner Simulation de Bodo Mörsäuser*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 243 p.

que permite esta prática. Entretanto há de considerar outros espaços como a própria rua, a cidade, os mass media, entre outros, como também legítimos espaços navegáveis.

A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2002.

CRUZ, Maria Teresa. “Arte e Espaço Cibernético”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens: A cultura das redes*, edição extra. Lisboa: Relógio D’Água: 2002.

MANOVICH, Len. *The Language of New Media*. London, Massachusetts: The MIT Press, 2001.

“Espaço Navegável”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens: Espaços*. Lisboa, Relógio D’água, 2005.